

PERSUASÃO E DISCURSO RELIGIOSO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS POR MEIO DE ELEMENTOS RETÓRICO-ARGUMENTATIVOS

PERSUASION AND RELIGIOUS DISCOURSE: CONVERGENCES AND DIVERGENCES THROUGH RHETORICAL-ARGUMENTATIVE ELEMENTS

Jackson Ribeiro do Nascimento¹

Maria Francisca Oliveira Santos²

RESUMO: Este artigo mostra a importância dos elementos retórico-argumentativos no discurso religioso, com a pergunta norteadora: qual é a importância da modalidade/modalização para os falantes de qualquer língua, no uso dos gêneros textuais? Os postulados foram de Uwe Flick (2009); Ingedore Koch (2004); Ida Lúcia Machado (2001); Luiz Antônio Marcuschi (2003; 2008; 2012); Dino Preti (2004); Maria Francisca Oliveira Santos (1999); Oliver Reboul (2000), entre outros. De linha qualitativa, conforme Ida Lúcia Machado (2001), os dados apontaram que os modalizadores auxiliam nas relações de convergência e divergência no exercício do ministério sacerdotal.

Palavras-chave: modalização/modalidade; discurso religioso; gêneros textuais.

ABSTRACT: This article shows the importance of rhetorical-argumentative elements in religious discourse, with the question: what is the importance of modality/modalization for speakers of any language for a better understanding of textual genres? The postulates were drawn from Uwe Flick (2009); Ingedore Koch (2004); Ida Lúcia Machado (2001); Luiz Antônio Marcuschi (2003; 2008; 2012); Dino Preti (2004); Maria Francisca Oliveira Santos (1999), among others. Qualitatively, the data showed that modalizers help in the relations of convergence and divergence between human beings in social relations.

Keywords: modalization/modality; religious speech; textual genres.

¹ Mestrando, UFAL.

² UFAL.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem por objetivo mostrar a importância dos elementos retórico-argumentativos representados pelos modalizadores linguísticos que aparecem no discurso religioso, com os quais os presbíteros manifestam seus postulados, sentimentos e ideias, seja acerca de assuntos doutrinários, seja daqueles que emanam das suas posições idiossincráticas. Centra-se ainda na ideia de evidenciar a importância dos gêneros textuais orais e escritos na linha da inter-relação entre teoria e prática.

O trabalho apresentou a pergunta norteadora referente à importância e aos benefícios da modalidade/modalização para os falantes de qualquer língua no uso dos gêneros textuais. Essa pergunta se baseou na ideia da não utilização de recursos modalizadores que podem gerar uma deficiência ou um enriquecimento para a melhor compreensão dos gêneros textuais (orais ou escritos). Este trabalho tem como fundamentação teórica os postulados de Uwe Flick (2009); Ingedore Koch (2004); Leonor Fávero, Maria Lúcia Andrade, Zilda Aquino (2005); Ida Lúcia Machado (2001); Luiz Antônio Marcuschi (2003; 2008; 2012); Dino Preti (2004); Maria Francisca Oliveira Santos (1999); Oliver Reboul (2000), entre outros.

Seguiu-se uma linha qualitativa, segundo a qual os dados são analisados em processo, o que propiciou a análise de um fragmento do gênero entrevista oral realizada com os informantes. Os dados apontaram que os elementos retórico-argumentativos representados por modalizadores auxiliam no constante suporte das relações de convergência e divergência entre os seres humanos nas relações sociais. Destacou-se a sua relevância por inserir-se no campo de linha religiosa no que há de específico quanto ao poder de persuasão que cada presbítero possa ter pela linguagem.

Desse modo, inicialmente, aparecem considerações acerca da área do conhecimento em que o trabalho se ergue, a Retórica, com elementos que confluem à explicação da definição e da sua inter-relação com outros campos teóricos; em seguida, priorizam-se os elementos modalizadores (conceituações, tipologias e importâncias); após, aplicação dessas categorias em fragmentos do gênero oral entrevista. Depois desse percurso, respondeu-se às questões propostas no início do trabalho.

2. DIALOGANDO COM A RETÓRICA

Para este trabalho, fez-se um percurso em alguns pontos retóricos, com observações iniciais acerca da definição da Retórica, da remissão à Retórica Antiga com a tríade argumentativa, da distinção entre Retórica e Dialética e dos três tipos de gênero por ela tratados que percorrem nas linhas judiciária, epidítica e deliberativa.

Assim, as definições da Retórica foram classificadas por categorias: a) a manipulação do auditório (Platão); b) a arte de bem falar (Quintiliano); c) a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir (Aristóteles). Essa distribuição pode ser tomada da seguinte maneira: em a, concentração nas emoções e paixões despertadas no auditório; em b, modo de expressão do orador e, em c, meios que tornam um discurso persuasivo. Enfim, com Aristóteles, “pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função” (ARISTÓTELES, 2011, p. 44).

O trabalho se insere nesse fio retórico uma vez que o presbítero, em sua ação do fazer/saber/executar, precisa dispor de uma boa oratória em que haja argumentos convincentes e baseados na lógica do dizer, a fim de que ele consiga persuadir o seu auditório (constituído por fiéis caracterizados por diferentes categorias como classe

social, nível intelectual, poder aquisitivo, entre outros aspectos). O auditório com que o presbítero trabalha abrange o particular e o universal.

Além disso, a tríade argumentativa é formada por um *ethos* ligado à imagem que o retor passa de si no discurso, destinado a persuadir um determinado público, não correspondendo precisamente à pessoa do retor; por um *pathos*, que, Chain Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014, p. 21) explicam: “a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar”; e, enfim, por um *logos*, objeto teórico, que é posto em discussão. Essa tríade argumentativa é bem representada no discurso religioso em que o *ethos* está na figura do presbítero quando, em diversos momentos, assume caracteres diferentes; o *pathos* se encontra no conjunto de sentimentos e emoções despertado no auditório por esse *ethos*; e o *logos* se dá pela efetivação do discurso propriamente dito.

Salienta-se ainda que a Retórica desempenha diversas funções, como: *hermenêutica*, que se caracteriza pela arte de interpretar os textos, o que a torna muito importante nos estudos acadêmicos e em geral; *heurística*, que se volta à descoberta do saber — *heurística* vem do verbo grego *euro*, *eureka*, que tem como significado “encontrar” —; *pedagógica*, que se caracteriza por ensinar o homem as características do ser; *persuasiva*, que traz em sua gênese a arte de persuadir pelo discurso, o que a torna a mais importante de todas essas funções para os estudos retóricos, pois “se a retórica é a arte de persuadir pelo discurso, é preciso ter em mente que o discurso não é e nunca foi um acontecimento isolado” (REBOUL, 2000, p. XVIII). Assim, todas essas funções agem direta ou indiretamente no fazer discursivo que acontece entre os interactantes nos usos da linguagem.

Quanto ao discurso religioso, há um passeio por todas essas funções retóricas: a) a *hermenêutica* quando o presbítero interpreta os textos bíblicos para que sejam mais acessíveis ao entendimento; b) a *heurística* quando acontece a descoberta dos mistérios revelados nas sagradas escrituras; c) a *pedagógica* quando o próprio

conhecimento é apreendido pelos fiéis; d) a *persuasiva* quando o presbítero consegue tocar a sensibilidade conduzindo os fiéis à prática do bem.

Quanto às relações entre a Retórica e a Dialética, pode-se evidenciar que as duas tanto podem conduzir a uma tese quanto seu contrário; ambas possibilitam a discussão de tudo o que for controverso. Nesse sentido, assim expõe Reboul:

Retórica e Dialética são, pois, duas disciplinas diferentes, mas que se cruzam como dois círculos em intersecção. A Dialética é um jogo intelectual que, entre suas possíveis aplicações, comporta a Retórica. Esta é a técnica do discurso persuasivo que, entre outros meios de convencer, utiliza a Dialética como instrumento intelectual. Pois bem, se os dois círculos podem cruzar-se, é porque se situam no mesmo plano, e — indo mais longe — porque pertencem em sentido estrito ao mesmo mundo. (REBOUL, 2000, p. 39).

A dialética propiciou aos gregos emocionantes disputas verbais em que dois adversários buscavam, diante do público, um defender e o outro refutar uma tese, tornando-se vencedor aquele que silenciava o adversário em suas contradições. Segundo Reboul (2000, p. 27), a dialética *erística* dos sofistas, arte da controvérsia que permitia fazer triunfar o absurdo ou o falso, entrava em contraste com Sócrates e Platão, que propuseram uma dialética a serviço do verdadeiro³. Sendo assim, para o Estagirita, a dialética é a arte do diálogo ordenado; ao contrário da demonstração filosófica e científica, é o raciocinar a partir do provável. Distingue-se, portanto, da *erística sofista* por raciocinar de modo rigoroso, respeitando de maneira inflexível as regras da lógica.

É importante fazer a distinção entre o silogismo demonstrativo que parte de premissas evidentes e/ou necessárias, provando suas conclusões de modo indubitável, e o silogismo dialético que parte de premissas simplesmente prováveis. São os chamados *endoxa*, aquilo que parece verdadeiro a todo mundo ou à maioria das pessoas, ou, ainda, aos indivíduos competentes. Desse modo, a dialética renuncia à

³ É importante destacar que, para a dialética, as questões devem ser tratadas segundo a opinião, enquanto, para a filosofia, segundo a verdade.

verdade das coisas em benefício da opinião aceita. Ela substitui a pergunta científica: “o que é?” pela pergunta: “o que lhe parece?”. Constata-se, assim, que a dialética é um jogo que não tem outro fim além de si mesma; ou seja, discute-se pelo prazer de discutir, fazendo tudo para ganhar, mas sem trapacear: deve-se seguir as regras da lógica.

Aristóteles, no segundo capítulo do primeiro livro dos *Tópicos*, apresenta três vantagens fornecidas pela dialética: a primeira é o uso *pedagógico*, que manifesta no jogo do debate não a necessidade de extrair uma verdade, mas ao menos adquirir um treinamento intelectual, um método que permita argumentar sobre qualquer assunto; a segunda é o uso *filosófico*, que tem como destaque o papel epistemológico evidenciado por meio de um exame do contraditório entre os princípios de cada ciência e os princípios comuns a todas; e, por fim, a terceira é o uso *social*, que apresenta a função homilética da dialética como área da retórica⁴.

Quanto aos gêneros aristotélicos (ARISTÓTELES, 2011), têm-se as seguintes denominações: a linha judiciária, a epidítica e a deliberativa. Quanto à primeira, a chamada retórica judiciária, evidencia-se uma volta para o passado, pressupondo a liberdade e a responsabilidade no julgamento com a possibilidade de haver um comportamento alternativo. A retórica epidítica, a chamada demonstrativa, refere-se ao presente, sendo um discurso em que entram em jogo o louvor e a censura, o prazer imediato ou o desprazer com aquilo que se diz ou que se ouve, estando também ligado à sua desaprovação. A retórica deliberativa concerne ao futuro, implica algo que poderia ser ou que não o poderia. É empregada em assembleias políticas para determinar uma opção ou uma conduta.

O gênero escolhido para análise não se encaixa nos ditames da retórica clássica, muito embora, em sua linha evolutiva, tenha os resquícios da tríade apontada por Aristóteles (2011). O gênero discursivo de análise é a entrevista oral, considerada, por

⁴ *Topiques*, livro I a IV, trad. Fr. J. Brunschwig, Les Belles-Lettres, 1967. NB: a tradução francesa dos quatro últimos livros pode ser encontrada na ed. Vrin, A.

Sérgio Roberto Costa (2008, p. 93), como “conversa/conversação entre pessoas em local combinado, para obtenção de esclarecimentos, avaliações, opiniões etc.”, o qual se encaixa nas referências concedidas à retórica epidítica.

3. OS MODALIZADORES LINGUÍSTICOS E SUA FORÇA PERSUASIVA

Este trabalho centra-se na leitura que os elementos modalizadores emprestam ao conteúdo semântico do discurso do orador (presbítero-*ethos*), revitalizado nas ideias que transmite (*logos*), no sentido de persuadir o seu auditório (o entrevistador), despertando seus sentimentos e suas emoções (*pathos*). Para Santos (1999), esses elementos são de natureza linguístico-discursiva com o fim de demarcar a relação que o locutor do texto estabelece com o conteúdo do enunciado que produz e com seu interlocutor, acentuando o seu posicionamento em relação ao conteúdo proposto.

Ainda para a autora, a modalidade se apresenta como uma categoria sinônima de modo, apresentando-se associada ao verbo e instituída enquanto comunicação pelo falante e seu interlocutor. A modalidade é diferente da modalização: a primeira se refere ao modo revelado na categoria do verbo; a segunda indica a atitude do falante em relação ao enunciado produzido. Desse modo, a modalidade apresenta-se sob a forma de asserção, de interrogação e de ordem ou desejo, podendo aparecer em frase assertiva, interrogativa e imperativa, de caráter afirmativo ou negativo.

Nessa mesma linha teórica, Machado (2001) apresenta definições para o *modus*, como “forma linguística de um julgamento intelectual, de um julgamento afetivo ou de uma vontade, que um sujeito falante enuncia sobre uma percepção ou sobre uma representação de seu espírito” (IBIDEM, 2001, p. 65); para a *modalidade*, como “a atitude do locutor em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado” (MACHADO, 2001, p. 65) e, finalmente, para a *modalização*, como o “pivô da enunciação na medida em que é ela que permite explicitar as posições do sujeito

falante em relação ao seu interlocutor [...], a si mesmo [...] e à sua proposta [...]" (IBIDEM, 2001, p. 65).

Dentro de uma teoria da linguagem que leva em conta a enunciação, consideram-se modalizadores todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, atitudes e dos sentimentos do locutor com relação ao seu discurso (KOCH, 2004, p. 133). Para exemplificação do que fora enunciado, tome-se o exemplo a seguir, com base nas ideias do *corpus*. Assim, as ocorrências a seguir vão mostrar o sentido designado pelo verbo destacado em: a) *Quero que participe da Igreja Católica* e em: b) *Você quer participar da Igreja Católica?*. Em cada caso, há revelações diferentes: em a), aparece a ideia de ordem e em b), de um pedido, significando, assim, maneiras diferentes que entram no fazer-dizer do presbítero-*ethos* na transmissão da mensagem para persuadir o seu auditório, despertando sentimentos de paixão, amor e harmonia.

Para Machado (2001), poderá haver tipos de lexicalização possíveis para as modalidades, o que é ratificado por Koch (2004), ao apresentar formas performativas explícitas (eu ordeno), auxiliares modais (poder, dever, querer), predicados cristalizados (é certo, é preciso), advérbios modalizadores (provavelmente, certamente), modos e tempos verbais (imperativo, certos empregos do subjuntivo, entre outros), entonação e operadores argumentativos. Esses elementos linguísticos podem modalizar o discurso do presbítero, levando-o a ser preciso, impreciso ou mesmo próximo ao que se queria transmitir.

4. OS SENTIDOS DOS MODALIZADORES NO GÊNERO ENTREVISTA ORAL

Este trabalho segue uma linha qualitativa de estudo, a qual analisa os dados de forma interpretativa, pois, de acordo com Roberta Liana Pimentel Cajueiro (2013, p.

23), visa à interpretação de “valores, opiniões, atitudes e é utilizada [...] para a compreensão de fenômenos que vão além do quantificar e medir.” Foi, pois, um estudo que se explica pelo fato de as ações se darem em processo, e os pesquisadores não terem resultados *a priori*. Para esse tipo de pesquisa, o que existe é uma série de questionamentos que vão orientar a execução do problema.

Assim, o método apresenta características fenomenológicas, uma vez que a linha descritivo-interpretativa verifica o acontecimento na realidade dos fatos para que o discurso seja verificado dentro do contexto real da sua ocorrência (MOREIRA e CALEFFE, 2008). O trabalho não dispõe de dados quantitativos, caracterizando-se por análises realizadas em processo. Desse modo, segundo Daniel Augusto Moreira (2002, p. 44), entende-se que “[...] a pesquisa qualitativa abdica total ou quase totalmente das abordagens matemáticas no tratamento dos dados, trabalhando preferencialmente com as palavras oral e escrita, com sons, imagens, símbolos, etc.”

O gênero entrevista oral, conforme José Marques de Melo (2003), insere-se na linha jornalística informativa com o objetivo principal de informar aos espectadores acerca dos conhecimentos reais, firmando-se na literatura por meio da sua legitimação em diversas mídias. Na entrevista, o entrevistado e o entrevistador interagem de maneira mútua, sendo este o diálogo com elementos e estratégias que possam permitir ou a aproximação ou o distanciamento do que está sendo exposto pelo entrevistado. Dessa maneira, cabe ao entrevistador introduzir o tópico, dando início assim à entrevista, a partir de uma pergunta inicial, o que faz estimular a obtenção de respostas seguras, pois entre esses parceiros da comunicação poderá acontecer um elo empático no processo comunicativo.

O gênero entrevista oral é, pois, de natureza jornalística, com uma estrutura de discurso conversacional, inserido numa linha expositiva, pelo fato de permitir a obtenção de esclarecimentos, opiniões, avaliações, coleta de declarações, além de outros informes. Todo esse conjunto de fatos/informações debatidos/as entre o

entrevistador e o entrevistado pode ser levado ao conhecimento de um auditório cujo interesse seja particular ou coletivo/social.

Considera-se, por fim, que a entrevista oral se insere nas questões relacionadas às modalidades de língua falada e escrita, as quais não são dicotômicas, mas apresentam especificidades características em sua realização. Assim, a língua escrita se molda mais pelos ditames da língua padrão, com pontos voltados às orientações formais, enquanto a falada também tem características ligadas à espontaneidade e a recursos expressivos da oralidade, representando a singeleza, naturalidade e a simplicidade das atividades languageiras. A entrevista oral realizada neste trabalho se caracteriza pelas pontuações feitas quando foram descritas as considerações acerca da língua falada.

O campo de pesquisa do trabalho é constituído pelas três dioceses que formam a Província de Alagoas, a saber: a de Maceió, a de Penedo e a de Palmeira dos Índios. O *corpus* provém de entrevistas que têm como público-alvo sacerdotes do sertão alagoano, do agreste alagoano e da capital alagoana. São sacerdotes jovens (faixa etária: 30 aos 40 anos), de meia-idade (faixa etária: 40 aos 50 anos) e maduros (faixa etária: 50 aos 65 anos). Procedeu-se à realização de seis entrevistas com sacerdotes escolhidos provindos das dioceses mencionadas, com dois (02) pertencentes a cada faixa etária citada. Após a obtenção das entrevistas, estas foram transcritas de acordo com as normas de Preti (2004); Maria Santos; Dennys Dikson; Eduardo Morais (2014); e Marcuschi (2003).

Para este trabalho, foi retirado um fragmento correspondente à primeira das quatro questões apresentadas aos informantes, por ocasião da entrevista, qual seja: “Quais as razões que o conduziram ao ministério sacerdotal?” Cada informante é portador de um *ethos* que pode se apresentar de maneira multifacetada, isto é, de maneira a adaptar-se a cada ambiente interlocutivo; esse *ethos* comumente desperta

emoções no seu auditório particular ou universal e discorre sobre um *logos* representativo da doutrina cristã.

5. O FRAGMENTO DO GÊNERO ENTREVISTA ORAL EM CENA (FORÇA DOS ELEMENTOS MODIFICADORES)

Quando eu comecei a participar da Igreja Católica eu tinha 15 anos de idade. E comecei a participar das missas diariamente, então fiz um propósito na minha vida de querer participar da celebração Eucarística todos os dias. E aí quando eu tinha mais ou menos 18 anos de idade foi que senti o chamado para o sacerdócio dentro dessas celebrações eucarísticas. Então na época eu depois passei no vestibular de jornalismo na Universidade Federal de Alagoas e era acompanhado por Dom Henrique na época era sacerdote em Maceió e aí ele pediu prá que eu pudesse terminar o curso de jornalismo antes de entrar no Seminário. Então foi justamente nessa época em que eu fui amadurecendo esse chamado e a partir daí eu resolvi de fato entrar, então entrei depois que terminei a faculdade e já entrei um pouco mais maduro digamos assim, mas o verdadeiro sentido era o sentido da Eucaristia né, então eu descobri a minha vocação sacerdotal nas celebrações da Santa Missa e aí isso foi me motivando a querer fazer o mesmo né, trazer a Eucaristia prá que outras pessoas pudessem comungar, o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Então a grande motivação foi à participação nas celebrações da Santa Missa.

FONTE: AUTORES, 2022.

O informante 1, quando questionado acerca dos motivos que o levaram à vocação sacerdotal, discorreu sobre alguns dos momentos que percorrera desde quando se sentiu inclinado ao sacerdócio, narrando com minúcias seus sentimentos e anseios. Assim, o presbítero (informante) mostrou que a sua sensibilidade pela igreja católica começou aos 15 anos.

Essa vocação aconteceu quando participava das missas diárias, momento em que se sensibilizou por seguir o caminho do sacerdócio para poder oferecer a eucaristia aos outros. Tudo isso é sentido no texto quando o informante, ao tratar do assunto, enuncia em três momentos: “participar das missas diariamente”; “dessas

celebrações eucarísticas”; “nas celebrações da Santa Missa”, o que mostra um raciocínio crescente ao tratar da sua ascensão sacerdotal.

Um *ethos* retórico aparece na figura do presbítero, o qual procura mostrar com evidências da linguagem os motivos que o conduziram ao sacerdócio, no que sua imagem é preservada ao tempo em que desperta no auditório (os leitores do texto) um conjunto de sentimentos relacionados à confiança, ao desprendimento, ao amor e à amizade (*pathos*); tudo isso configurado por meio de um discurso religioso (*logos*) expresso por um gênero textual denominado entrevista oral.

Quanto ao gênero trabalhado, destacou-se a entrevista oral por ser o que melhor atende à obtenção do objetivo pleiteado, que se baseia, na sua gênese, na descoberta das paixões aristotélicas⁵ cultivadas em cada presbítero no período inicial de suas decisões. Desse modo, na elaboração de perguntas como a que tenciona saber as razões que o conduziram ao ministério sacerdotal, têm-se várias assertivas, suposições e exposição de sentimentos e ideias acerca do questionado. Essa leitura aparece porque o informante busca os dados na sua memória vivenciada para transformá-los perceptíveis e compreensíveis na exposição que conduz, pontuada por idas e vindas aos/dos resquícios do passado.

Quanto à linha argumentativa dos modalizadores que fortificam os argumentos expostos pelo informante, aparecem em grande escala as locuções adverbiais e os advérbios que intensificam o grau maior ou menor do que é enunciado por esse informante, bem como pelos modalizadores “poder” e “querer”, que se encontram também em formas verbais perifrásticas, a exemplo de “querer participar” e “pudesse terminar”.

Ainda, observa-se que o informante ao usar expressões como “diariamente”, “todos os dias”, “na época”, “justamente”, entre outras, modaliza o seu discurso,

⁵ O tema paixões aristotélicas não entra neste artigo. Trata-se da temática com a qual trabalho no Mestrado de Linguística, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura —PPGLL da UFAL.

fazendo-o percorrer pela unidade de sentido. Assim, quando é dito “então foi justamente nessa época em que eu fui amadurecendo”, a expressão adverbial realmente expressa a atitude e o sentimento do informante em relação ao conteúdo do discurso (MACHADO, 2001), pois a palavra “justamente” indica certeza, confiança e serenidade.

Quanto às informações passadas pelo informante 1, modalizadas pelos operadores modais *querer* e *poder*, o que o *ethos* quis passar, em “então fiz um propósito na minha vida de querer participar da celebração” e em “e aí isso foi me motivando a querer fazer o mesmo né, trazer a Eucaristia”, por meio de “querer participar” e “querer fazer”, é que a modalidade emprestada ao discurso indica a posição assumida, em ordem ascendente, pois o “querer participar” indica o início da ação desprendida pelo agente “do querer fazer”.

Quanto ao operador modal “poder”, múltiplo em significações (eventualidade, permissividade, habilidade, entre outras), segundo Santos (1999), o informante o utiliza em seu discurso para indicar a justificativa, pois é usado como recurso para execução de uma finalidade. Assim, para indicar a escolha da sua afirmativa, o informante 1 faz uso do modal em: “aí ele pediu prá que eu pudesse terminar o curso de jornalismo antes de entrar no Seminário” e em “prá que outras pessoas pudessem comungar, o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo”, em que as expressões “pudesse terminar” e “pudessem comungar” indicam construções perifrásticas que designam o sentido de possibilidades de ação, designadas respectivamente pelo fato de o informante terminar o curso de jornalismo e as pessoas comungarem, segundo os princípios cristãos.

O fragmento analisado tenta mostrar como o *ethos*, configurado pelas representações do presbítero, consegue, por meio de um discurso retórico em que aparecem elementos linguísticos que conseguem conduzir um auditório (os leitores da entrevista), permanecer atento para a descoberta das razões, paixões, dos motivos ou

outros sentimentos que o conduziram ao exercício do sacerdócio. No quadro a seguir, aparecem os principais modalizadores do fragmento analisado.

| TIPO DE MODALIZADOR | TIPO DE MODALIZADOR |
|--|---|
| Advérbios, locuções adverbiais | Construções perifrásticas (poder e querer) |
| <p>... celebração Eucarística <i>todos os dias</i></p> <p>... <i>na época</i> eu depois passei no vestibular</p> <p>... por Dom Henrique <i>na época</i> era sacerdote em Maceió</p> <p>... jornalismo <i>antes</i> de entrar no Seminário</p> <p>... eu resolvi <i>de fato</i> entrar</p> | <p>... então fiz um propósito na minha vida de <i>querer participar</i> da celebração Eucarística</p> <p>... ele pediu prá que eu <i>pudesse terminar</i> o curso de jornalismo</p> <p>... e aí isso foi me motivando a <i>querer fazer</i> o mesmo</p> <p>... que outras pessoas <i>pudessem comungar</i>, o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo</p> |

FONTE: OS AUTORES, 2022.

O quadro mostra fragmentos em que aparecem modalizadores constituídos por advérbio e locuções adverbiais e, ainda, pelos operadores modais poder e querer em construções perifrásticas. O *ethos*, muitas vezes designado pelo dêitico de pessoa “eu”, em uma situação de entrevista, em um lugar determinado, discorreu acerca dos motivos que o conduziram ao sacerdócio. Procurou fazê-lo de tal maneira que em seu discurso foram apreendidos modalizadores linguísticos (*logos*), que certamente puderam despertar no auditório, constituído por seus futuros leitores, os sentimentos de certeza, confiança e serenidade; todas as ações da narrativa transcorreram com justa remissão à categoria dêitica de tempo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações feitas acerca da Retórica, como sendo a arte de persuadir pelo discurso através do uso de elementos linguísticos de linha retórico-argumentativa (*logos*), em que há um *ethos* (presbítero), solicitado para explicar as razões de escolha

do sacerdócio desperta possíveis sensações emotivas no auditório. Neste estudo, teve grande ênfase o uso de modalizadores representados por operadores modais e expressões quantitativas, que modificam ou justificam a atitude do presbítero perante o que enuncia no seu discurso.

O trabalho respondeu às perguntas centradas na importância da modalidade/modalização para os falantes de qualquer língua em suas relações sociais e na utilização desses recursos para gerar uma deficiência ou um enriquecimento para melhor compreensão dos gêneros textuais (orais ou escritos). Essa observação se deu porque o estudo da modalidade e da modalização é um constante suporte nas relações sociais. Além do mais, sua importância é essencial para o enriquecimento dos gêneros textuais (orais ou escritos) em todos os textos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. e notas: Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel do Nascimento Pena 2ª ed. Imprensa Nacional — Casa da Moeda: Lisboa, 2011.

CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. *Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de Gêneros Textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FÁVERO, Leonor; ANDRADE, Maria Lúcia, AQUINO, Zilda. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2009.

KOCH, Ingedore. *A coesão textual*. 19ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MACHADO, Ida Lúcia. Breves considerações sobre índices de modalização e práticas de Leitura. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 6, p. 63-77, jun. 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2008.

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria E. de Almeida Prado Galvão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2004.

REBOUL, Oliver. *Introdução à Retórica*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. *Professor — aluno: as relações de poder*. Curitiba: HD Livros Editora, 1999.

_____. Simetria e assimetria no discurso de sala de aula. In: MOURA, Denilda (Orgs.). *Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: Edufal, 2014.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira Santos; DIKSON, Dennys; MORAIS, Eduardo Pantaleão. (Orgs.). *Interfaces com a Análise da Conversação; olhares diversos em teorias imbricadas*. Maceió: Edufal, 2014.

Recebido em: 12/02/2022

Aceito em: 01/05/2022